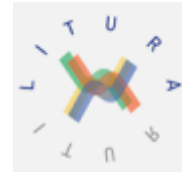


Os gestos de uma análise♦

Marcus André Vieira



Vamos examinar gestos que constituem o cotidiano do que costumamos denominar “fazer análise”. Antes, porém, algumas definições. É o mínimo de cortesia.

Tomo essa cortesia emprestada de V. Flusser na abertura de seu livro *Gestos*, em que buscará também um conjunto definições que sejam um solo para seu leitor. Muito mais que isso, tomo dele a própria ideia de tomar os gestos como uma via privilegiada para acessar de que somos feitos.

Como definir um gesto?

Os gestos são movimentos concretos do corpo, observáveis. Ao mesmo tempo, um movimento só será um gesto, para nós, caso seja significativo. Nos termos de Flusser, isso corresponde a ser “decifrável por aqueles que conhecem o código daquele gesto”, como por exemplo, a letra “v”, apresentada com o indicador e o médio da mão e seu código habitual de leitura, “vitória” ou “paz”.

Um gesto, por definição, é legível (por quem é da paróquia) e, portanto, nunca é puramente mecânico. Neste sentido estendido os emoji são gestos, os gifs igualmente. Até o mais básico, falar, por exemplo, é gesto.

O cotidiano é feito de uma multidão de gestos. Não se trata apenas de apreender o que os condiciona, mas o que dizem de nossa existência no mundo. O que dizem de nós?

Nossa a proposta é mergulhar essa interrogação sobre os gestos em uma prática e um campo específico: o que dizem os gestos de uma análise? O que dizem sobre o que é “fazer análise”? Sobre o que é uma análise?

Como em todo lugar, na clínica psicanalítica observamos um sem-número de gestos. A princípio, interessam mais os que protagonizam as trocas entre praticante e analisante. Inclui-se, nisso, muita coisa, desde as falas, as trocas por mensagem, áudio, sem contar, desses gestos, o de silenciar, tão fundamental e tão criticado.

Listei, então, alguns. Antes mesmo de examiná-los, porém, entendo que é preciso, no contexto da clínica psicanalítica, opor o gesto à técnica.

Uma técnica é um “como fazer”, uma receita. Vale o mesmo para um protocolo ou uma conduta na clínica médica. O que caracteriza uma receita é que o efeito por ela visado está incluído na ação que ela estipula. A receita de bolo produzirá um bolo, a princípio sempre o mesmo e ele sempre virá, caso a receita seja seguida em seus ingredientes e dosagens.

Sabemos bem que raramente as coisas humanas ocorrem desse modo. E mesmo sendo idêntico ao anterior o bolo nunca será o mesmo. Por isso, à receita, à técnica, contrapomos o gesto. Ela tem como fundamento ser produtora de um

♦ Material preparatório para os encontros do curso Fazer Análise, do ICP-RJ.

objeto ou realidade, pragmática. Já o gesto, é instaurador de um leque de significados dos quais será preciso escolher um - considerem, por exemplo, todo o abismo entre um sorriso e uma careta, que é quase nenhum do ponto de vista da contração dos músculos da face.

Ao retomar esse valor de significância do gesto, Lacan, trazendo-o para a experiência analítica, introduz o Outro, o leitor. E o faz materializando o Outro como olhar. Um gesto sempre tem como parceiro, um olhar (“o gesto é um movimento dado a ver”, S11:113).

Diante desse olhar, a abertura do campo dos possíveis significados se desloca. Não é apenas o Outro que terá que decidir o que significa meu gesto em uma situação dada. Não tenho mais certeza do valor exato do que fiz com meu gesto enquanto o Outro não reagir significativamente a ele.

É o que demonstra um dos gestos examinados por Flusser, o gesto de *se barbear*. Será que ele poderia ser análogo ao gesto de cortar grama, pergunta-se Flusser? Caso sim, barbear-se define uma superfície homogênea, assim como a de um gramado. O gesto, porém, ao definir o estatuto ontológico do gramado, deixa na sombra o do que é cortado. O que antes fazia parte de nós, nossos pelos do rosto, agora não é mais nada?

O olhar do Outro pode “completar o gesto”, como indica Lacan, cristalizar sua significação, ou não. Barbear-se pode corresponder a criar uma superfície corporal estável caso defina-se que nem tudo do corpo é nosso. Nem sempre será assim, pode ser que não seja possível descartar tão facilmente o que é cortado de nós. Há sempre alguma estranheza e mal-estar com o pelo que acabou de ser cortado, por exemplo, por isso nos apressamos e fazê-lo descer pelo ralo, para que nada mais tenha a ver conosco.

O mais importante é que alguns gestos podem trazer à cena coisas que se mantêm indefinidas, que não podemos nem chamar de “nossas” como de “não-nossas”. Neste caso, apesar de terem a vocação de ser um “momento terminal” (S11:111), quando são completados pelo Outro, podem se tornar um momento inaugural. É quando estabelecem um “antes” e um “depois”, um verdadeiro acontecimento.

Será o caso quando a tensão estabelecida por esta indeterminação de um objeto estiver no centro da ação e da cena, forçando a que toda ela se desmonte, para remontar-se a seguir de novo modo. Não será apenas, seguindo na metáfora do exemplo de Flusser, a decisão sobre o que é meu ou não é, mas a possibilidade, na incerteza entre aparar, raspar ou deixar assim mesmo, da materialização de uma ruga ou cicatriz até então na sombra que muda tudo até então dizia respeito à idade, por exemplo.

Todo gesto embute, então, em potencial certo lugar para o novo, nos termos de Flusser, “alguma liberdade” (“um gesto não é um movimento livre, mas um movimento em que a liberdade se exprime de alguma maneira”). É exatamente esta relação entre uma significação indeterminada e a novidade engendrada que Lacan chamou *ato*.

O ato para Lacan é “um gesto que muda o sujeito” (OE:374). E o motor do ato é aquele objeto paradoxal (como o pelo do rosto no exemplo), de forma e significação indeterminada, por ele designado *objeto a*.

Nenhum gesto tem o poder de tornar-se por si só este momento inaugural, apenas o contexto o faz. Por isso, Lacan destaca como é mais uma série de gestos que produz o ato e não um isolado ao comentar como as telas dos impressionistas são uma verdadeira “chuva de pincel”. É uma chuva de gestos que levou à subversão radical da representação clássica.

Por isso, vamos examinar a chuva de gestos de uma análise orientados pelo que nela é acontecimento, sem tomá-los como rituais necessários, receitas ou subversões em si. O importante será mirar, no gesto, o que ele traz de ruptura.

Em outros termos, os gestos de uma análise que levam à subversão são os que miram no mais singular de cada um, tão singular que não encontra significação estável, cristalizada, resta entre singular e universal, afinal, só temos as palavras do Outro defini-lo.

Visar o que não tem definição estável parece estranho, mas vale lembrar que é exatamente por considerar que só o gesto eficaz tem valor que assistimos, em lugar, do valor simbólico do gesto, ou mesmo de ato, seu valor não de golpe, destrutivo. Como diz Lacan.

Todo mundo sabe que os primitivos vão a combate com máscaras careteiras, horríveis e com gestos terrificantes. Não pensem que isto acabou! Ensina-se aos *marines* americanos, para responderem aos japoneses, a fazer tantas caras feias quanto eles. Nossas armas atuais, podemos também considerá-las como gestos. Queiram os céus que eles possam se manter assim! (S11:113).